

**A MUTAÇÃO DA TOLERÂNCIA:
O lado obscuro do fundamentalismo religioso em
“X-Men: Deus ama, o homem mata”**

THE MUTATION OF TOLERANCE:
The dark side of religious fundamentalism in
“X-Men: God loves, man kills”

Felipe Soares Forti (*)

Resumo

O artigo a seguir apresenta o fundamentalismo religioso do século XX e sua evolução como movimento que se inicia teológico e prossegue para uma apologética política. Após apresentar as implicações do fundamentalismo, a história em quadrinhos dos X-Men intitulada *Deus ama, o homem mata* é apresentada como forma de arte sequencial que expressa figurativamente uma crítica ao fundamentalismo de sua época.

Palavras-chave: Fundamentalismo. X-Men. Quadrinhos. Religião

Abstract

The following article presents 20th century religious fundamentalism and its evolution as a movement that began as theological and progressed towards political apologetics. After presenting the implications of fundamentalism, the X-Men comic book entitled *God Loves, Man Kills* is presented as a form of sequential art that figuratively expresses a critique of the fundamentalism of its time.

Keywords: Fundamentalism. X-Men. Comic Books. Religion.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em controvérsias da esfera teológica, uma das que mais se acentua é a disputa entre os liberais e os fundamentalistas. De fato, o fundamentalismo, diz Lamartine Gaspar de Oliveira, “nasceu como um conflito entre teólogos evangélicos conservadores [os fundamentalistas] e aqueles que eram considerados liberais” (OLIVEIRA, 2008, p. 52). No começo do século XX, explica Karen Armstrong, houve o movimento do “Evangelho Social”, que fundou igrejas que ofereciam serviços de recreação a pobres e imigrantes (ARMSTRONG, 2001, p. 198). O foco na justiça social foi aumentando até a proclamação de igualdades religiosas, onde o único mandamento era o amor, sem doutrinas, e onde todas as religiões poderiam participar (ARMSTRONG, 2001, p. 198-199). Os teólogos liberais, por conta de sua teologia fora dos padrões da ortodoxia, se viram confrontados por uma reação apologética de

(*) Mestre em Educação, Arte e História da Cultura (2025) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bacharel em Teologia (2022) pela UPM, licenciado em Filosofia (2018) pela UPM e bacharel em Design Gráfico (2012) pela FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas. Trabalha como Web Designer na Universidade Presbiteriana Mackenzie. **E-mail: felipe.forti@live.com**

teólogos mais conservadores que participaram do movimento Fundamentalista e da escrita de uma antítese ao liberalismo denominada de *Os Fundamentos* (“*The Fundamentals*”). Seus autores, diz Norman Geisler, afirmavam o mesmo que os Pais da Igreja e os Reformadores, ou seja, que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, infalível e inerrante, sem erros nos originais, apenas nas cópias e, tudo o que ela afirma, seja na teologia, na ciência e na história, ela faz sem erros (GEISLER, 2010, p. 397). O liberalismo é entendido como uma concessão ao modernismo. Oliveira explica:

Diante do modernismo discutido por eles e que acreditavam ser consequência da ilustração do século XVIII, os fundamentalistas publicaram seus *Fundamentals* [...] [que reuniam] os conteúdos de fé, verdades absolutas e intocáveis, que deveriam ficar imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico (OLIVEIRA, 2008, p. 19).

Também diz Armstrong, os conservadores “Achavam que uma religião sem uma doutrina infalível não era cristã e sentiram-se obrigados a combater esse perigo liberal” (ARMSTRONG, 2001, p. 199).

Dentre os fundamentalistas originais (também denominados de “fundamentalistas históricos”), houve um teólogo chamado B. B. Warfield. Uma das características de Warfield, observam David. Livingstone e Mark Noll, é sua aceitação e defesa da possibilidade de cristãos adotarem a teoria da evolução, desde que Deus seja visto como o responsável pelo processo (LIVINGSTONE; NOLL, 2002, p. 168). Esse fato é importante, pois, dentro do meio evangélico conservador, é raro encontrar alguém que defenda visão similar. Dentro dos círculos cristãos, há aqueles que defendem que o cristão deve ter como crença a ideia de que o mundo foi criado há 6.000 anos e que o relato do texto de criação é literal. Esses negam as idades geológicas da Terra, a teoria do *Big Bang* como um todo e o processo evolutivo das espécies vivas. No entanto, não foi sempre assim. R. A. Torrey, um dos editores do *Fundamentals*, disse: “não é absolutamente certo que tenham ocorrido apenas cerca de quatro mil anos entre Adão e Cristo” (TORREY, 2014, local 402). Não apenas Warfield defendia a possibilidade de cristãos adotarem a evolução, como Torrey aceitava uma terra antiga. Nem mesmo Francis Schaeffer, notório apologeta conservador, defendia uma visão de terra jovem (SCHAEFFER, 2014, p. 42). Além deles, outros conservadores aderiram à evolução ou, mesmo que a negassem, tinham para si que era ao menos possível crer no *Big Bang* e em uma terra de bilhões de anos. Como Noll explica, tradicionalmente os Protestantes conservadores do século XIX e dos fundamentalistas originais era a de que o mundo

poderia ser bem antigo (NOLL, 1995, p. 144). De fato, Michael N. Keas aponta que “nenhum dos ensaios no *Fundamentals* advoga uma terra jovem” (KEAS, 2010, p. 37).

Atualmente, no entanto, dentro da cristandade opções diferentes do chamado “criacionismo de terra jovem” mal são conhecidas. O que mudou na tradição cristã? Apesar de ser um tema importante, houve outros movimentos que a cristandade abandonou em nome de movimentos políticos específicos. Ao longo da história da Igreja, os cristãos tiveram um movimento apologético que visava a defesa intelectual da fé cristã a partir de ideias que vão ao transcendente por meio de argumentos e evidências históricas. Tomás de Aquino, por exemplo, escreveu sobre as suas famosas cinco vias para provar a existência de Deus (TOMÁS DE AQUINO, 2009, p. 166, *S. th.* I, q. 2, a. 3. ad. 1). As Cinco Vias de Tomás são apelos à teologia natural, que busca o conhecimento de Deus por meio da reflexão acerca da natureza. João Calvino disse que o testemunho da natureza é “o caminho por onde todos, devotos ou não, devem buscar a Deus” (CALVINO, 2008, p. 57). O que Calvino chama de “testemunho da natureza” é equivalente ao que a Confissão de Fé de Westminster chama de “luz da natureza” (CONFISSÃO, [s. d.] c. *CFW*, I.1).

Essa teologia natural esteve presente em outros autores ao longo da história. J. V. Fesko observa que “No início do período moderno, mais notavelmente nos séculos XVI e XVII, apesar do uso proeminente do livro das Escrituras, o livro da natureza ainda era usado regularmente por teólogos” (FESKO, 2019, p. 1). A Confissão de Fé Galicana, de 1559, por exemplo, diz: “Foi Deus quem se fez conhecer aos homens. Primeiramente, por suas obras, tanto pela Criação como pela conservação e maneira como Ele a conduz. Também, e mais claramente ainda, pela Palavra...” (CONFISSÃO, [s. d.] b, p. 1). A Confissão Belga também diz que a criação é “como um livro formoso” (CONFISSÃO, [s. d.] a).

A cristandade do mundo atual, porém, especialmente dentre os fundamentalistas, nega a eficácia das práticas apologéticas do passado e se envolve com um esforço coletivo para ter um impacto ético-político mais forte. Embora o presente artigo não seja um texto apologético, a prática apologética como um fenômeno que recebeu mudanças ao longo do tempo é um objeto de estudo relevante. O que aconteceu para que houvesse a mudança radical da prática apologética? Como algo que impulsionava a reflexão e a discussão filosófica para algo pertencente ao discurso político e ético? Porque essa “apologética contracultural” se tornou tão popular em meios católicos e evangélicos?

A apologética contracultural do fundamentalismo foi notado na cultura norte-americana. Como resposta, a cultura pop reagiu com uma crítica aos movimentos fundamentalistas políticos que surgiram. A cultura pop, diz o sociólogo Tim Delaney, aparece em gêneros como a “música popular, revistas, cultura cibernética, esportes, entretenimento, laser, modismos, publicidade e televisão” (DELANEY, 2007, p. 1). Parte da cultura pop também está nas revistas em quadrinhos (doravante HQs). As HQs muitas vezes foram usadas como formas de crítica social, tratando temas políticos, raciais e éticos. Contudo, esses não são os únicos temas que aparecem nessa forma de mídia. Rebecca Domingues observa que a religião passou a ter sua presença nos discursos das HQs:

Os discursos religiosos representados nas HQs tiveram seu início há algumas décadas atrás (sic.), quando após algumas transições, que passaram pelos discursos políticos, desejosos de mudanças econômicas e sociais, como a ascensão do feminismo, por exemplo, os autores levaram o foco da arte sequencial ao transcendente. (DOMINGUES; DE MORAES, 2020, p. 7)

Uma HQ em particular que criticou o fundamentalismo cristão do século XX (já diferente do fundamentalismo histórico mencionado anteriormente) foi a intitulada *X-Men: Deus ama, o homem mata*, roteirizada por Chris Claremont e ilustrada por Brent Anderson. Segundo Welington Alves *et al*, essa HQ surge em um contexto de fundamentalismo bíblico que surge nos Estados Unidos na década de 1980 (ALVES *et al*, 2023, p. 132). Portanto, responder à pergunta anterior, que diz respeito à mudança na prática apologética, que foi de uma filosofia que investiga e inspira discussões acerca do transcendente para posicionamentos contraculturais de uma apologética ético-político-teológica, também responde a uma outra pergunta fundamental: como era o contexto da década de 1980 em que surge a HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata*? A relevância disso não traz apenas uma compreensão do desenvolvimento da cultura cristã e suas práticas, mas também como a cultura pop usou de uma de suas formas de arte mais acessadas para representar figurativamente a realidade de seu contexto e fazer uma crítica.

1 SÉCULO XIX E XX: O CAMINHO FUNDAMENTAL

Apesar das respostas mistas que a teoria da evolução recebeu quando proposta por Charles Darwin, dois grupos de cristãos a rejeitavam: os pré-milenistas, composto por cristãos de múltiplas denominações que seguem uma hermenêutica bem literalista da Bíblia, e os Mileristas, grupo liderado por William Miller (NUMBERS, 1993, p. 14).

Miller previu a volta de Jesus para o ano de 1844, algo que não ocorreu e, por conta disso, o evento foi chamado de Grande Desapontamento. Parte desse grupo acabou se tornando a Igreja Adventista do Sétimo dia, liderada pela profetisa Ellen Gould White (NUMBERS, 1993, p. 14). White, em seu livro *Patriarcas e Profetas*, rejeitou fortemente qualquer possibilidade da teoria da evolução (WHITE, 2007, p. 18-19).

No ano de 1961, mais de 100 anos depois, dois fundamentalistas chamados John C. Whitcomb e Henry M. Morris desenvolveram a chamada “geologia diluviana” e a “ciência criacionista” (NUMBERS, 2020, p. 250). Segundo Noll, esse movimento criacionista surgiu como um esforço apologético para validar, usando a ciência, os escritos de White (NOLL, 1995, p. 144). Apesar de alguns dos fundamentalistas históricos e conservadores da primeira metade do século XX aceitarem as eras geológicas e a possibilidade da teoria da evolução, a apologética em prol de White se espalhou como uma nova onda de fundamentalismo no protestantismo, favorecendo uma leitura literalista do texto bíblico.

Clyde Wilcox observa que os fundamentalistas “sempre acreditaram que era importante permanecer separado de um mundo pecaminoso” (WILCOX, 1988, p. 662). Ele também aponta que, na década de 1970, houve um estímulo na produção de livros de autores fundamentalistas e líderes políticos a partir do crescimento das livrarias cristãs. Não só isso, mas também cresceu o número de escolas cristãs fundamentalistas, criadas com o objetivo de combater os livros didáticos que viam um crescimento no ensino a respeito da evolução, além de mudanças nos conteúdos de história, política e papéis de gênero (WILCOX, 1988, p. 668). Somado a isso, aponta Ronaldo Alves R. dos Santos, a direita cristã surge em 1973 por conta da liberdade ao aborto que aparece por causa do caso *Roe versus Wade*, o que deu à direita cristã o apoio de forças neoconservadoras (SANTOS, 2017, p. 50). Por isso, não se trata apenas de uma questão econômica da direita, mas uma extensão “à consolidação de um projeto moral de sociedade que se ancorava em pressupostos religiosos e de combate à suposta ameaça comunista que rondava a América Latina” (SANTOS, 2017, p. 50). Santos prossegue apontando que esse grupo surge como uma resposta “aos movimentos sociais que surgiram nos anos 60 nos Estados Unidos; os movimentos feministas, estudantes, trabalhadores, imigrantes e minorias étnicas que lutavam pela ampliação dos direitos sociais” (SANTOS, 2017, p. 50-51). Desde as mudanças da década de 1970 que, segundo Alves *et al*, “o fundamentalismo vem se (re)vestindo de artifícios políticos em

nome da religião” (ALVES et al, 2023, p. 139). Oliveira aponta que, no fundamentalismo, “a visão ética permite que seja denunciado tudo o que vem marcado por matizes da modernidade como suspeito de trair a verdadeira fé. Ou ainda, a novidade em sua cosmovisão é sempre julgada suspeita de heresia” (OLIVEIRA, 2008, p. 70).

Uma das formas de pré-milenismo (doutrina citada acima) é o dispensacionalismo. Tal doutrina engaja em uma forma de pensar apocalíptica que sustenta o agir fundamentalista. Oliveira explica que essa visão, aliada à instabilidade social e às mudanças que ocorriam, era uma resposta “aos seus ‘inimigos terrenos’” que “procurava dar-lhes uma interpretação e correlação com os ‘inimigos apocalípticos’ bíblicos” (OLIVEIRA, 2008, p. 52).

Wilcox aponta que, em 1979, duas organizações foram fundadas, a *Christian Voice* e a *Moral Majority*. Essas viriam a se tornar importantes para a Nova Direita Cristã (WILCOX, 1988, p. 688). A primeira organização citada lutava contra causas relacionadas aos homossexuais e a pornografia (WILCOX, 1988, p. 688). Já a *Moral Majority* foi fundada por Jerry Falwell, que, ao lado de Pat Robertson (apresentador do programa *700 Club*), viriam a se tornar figuras importantes para o fundamentalismo da época (WILCOX, 1988, p. 669, 671). Robertson foi caracterizado por sua luta contra o humanismo secular, além do ensino da evolução nas escolas. Ademais, era extremamente anticomunismo em sua política externa (WILCOX, 1988, p. 672).

Acima foi citado Oliveira e a questão de como os fundamentalistas interpretam os “inimigos terrenos” como “inimigos apocalípticos”. Aaron Ricker aponta que essa “imaginação apocalíptica” possui uma forma de pensamento excludente que “é uma ferramenta poderosa e versátil para a construção da identidade em contraposição ao mundo definido como ‘os de fora’ da comunidade dos eleitos” (RICKER, 2020, p. 74). Oliveira destaca:

... assentados na doutrina da eleição e da predestinação, caminharam ao encontro de suas peculiaridades como uma sociedade que buscava no seu caminho o espírito do protestantismo americano, na esperança e na possibilidade de construir uma civilização cristã que de fato fosse modelo.

Enquanto a Reforma Protestante do século XVI na Europa havia começado com o objetivo de reformar a Igreja, o protestantismo americano em sua leitura religiosa esteve centrado na reforma do indivíduo, reforçando essa tarefa com traços apocalípticos, ou seja, considerando o nascimento dos Estados Unidos como símbolo do final dos tempos e começo de “um novo céu e uma nova terra” (OLIVEIRA 2008, p. 26-27).

Note que o fundamentalismo surge “pela sua preocupação e a defesa contra o liberalismo teológico” (OLIVEIRA, 2008, p. 70) e se desenvolve como um movimento de imaginação apocalíptica na qual o “anticomunismo foi uma causa natural para os fundamentalistas”, pois “o ateísmo professado pelos líderes comunistas fazia parecer provável que o comunismo fosse a doutrina do Anticristo no mundo” (WILCOX, 1988, p. 663). Esse não é um movimento simplesmente apocalíptico, mas um movimento apologético apocalíptico. O conflito político, diz Wilcox, junto de Sharon Linzey e Ted Jelen, se tornou necessária tanto para os pré-milenistas quanto para os pós-milenistas. Segundo os autores, os primeiros creem que Cristo voltará após um estado em que o mundo decaiu em crise, a qual se manifesta em uma constante batalha que não acabará até a volta de Cristo; enquanto os últimos creem que Cristo retornará após um período no qual os cristãos trabalharão juntos para trazer o milênio de paz (WILCOX; LINZEY; JELEN, 1991, p. 245-246). Wilcox, Linzey e Jelen apontam o seguinte:

Se a Bíblia prevê uma situação em que o mundo inevitavelmente decairá e ativará o retorno triunfante de Cristo, então a política secular é frutífera. Se, no entanto, a fidelidade pode iniciar o milênio (e, portanto, deve ocorrer antes da segunda vinda), então o envolvimento político não é apenas possível, mas necessário (WILCOX; LINZEY; JELEN, 1991, p. 246).

Como consequência de seu envolvimento em uma guerra cultural, o fundamentalismo atual acaba se tornando um movimento de intolerância. Se os eleitos devem lutar contra “o outro” que apresenta ideias científicas (como o darwinismo), sociais (como o feminismo, a causa homossexual e a causa imigrante) e teológicas (como as diferentes perspectivas criacionistas) diferentes de suas “verdades absolutas”, então o fundamentalismo implica em um movimento de intolerância. Oliveira explica:

... o que se pode ver e entender a partir desses resultados é a intolerância. Esta não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. Sendo assim, imediatamente surge um problema de graves consequências: quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. A intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo à agressividade, e a agressividade à guerra contra o erro a ser combatido e exterminado (OLIVEIRA, 2008, p. 20).

Apesar da tolerância pressupor o equívoco do outro, a imposição absoluta de uma perspectiva denota o ato de intolerância. Quando o outro se torna apenas “o outro”, que,

ao discordar, é classificado meramente como “esquerdista”, “liberal” ou “herege”, então a tolerância morre.

É nesse cenário que surge Chris Claremont e Brent Anderson, que usam os princípios de Stan Lee na criação dos X-Men para denunciar as práticas e a intolerância do fundamentalismo dos anos 1980. Segundo Alves *et al*, o próprio Stan Lee disse que “a intenção dos X-Men é demonstrar a intolerância que a raça humana tem com aquilo que é diferente” (ALVES *et al*, 2023, p. 133). De fato, Carlos Caldas:

Os X-Men são “esquisitos” porque são minoria, são diferentes. Por isso são perseguidos, tais como os cristãos no Império Romano ou atualmente em um país de maioria muçulmana. Sua luta é para serem aceitos, e não serem vistos como aberrações ou monstros. O que cada integrante do grupo quer é conviver pacificamente com os demais. Neste sentido, X-Men é uma grande parábola sobre a importância da alteridade, um apelo à convivência pacífica e respeitosa com o diferente, e um libelo contra uma atitude beligerante diante do “outro” (CALDAS FILHO, 2016).

Além desse fator, Caldas também explica que os X-Men são relevantes para denunciar o negacionismo científico do fundamentalismo, pois ““nos quadrinhos, os mutantes não são conhecidos como ‘homo sapiens’, mas como ‘homo superior’” (CALDAS FILHO, 2016).

O fato dos X-Men sofrerem preconceito e serem conhecidos em seu universo como um novo estágio da evolução humana os torna uma série fictícia que conversa com o mundo real. Isso ocorre em sua “expressão figurativa da realidade”, uma característica importante das obras de arte apontada por Nildo Viana (2014).

2 A EXPRESSÃO DA INTOLERÂNCIA EM X-MEN: Deus ama, o homem mata

Uma HQ é algo que, segundo Will Einsner, “apresenta uma sobreposição de palavras e imagens” (EINSNER, 2001, p. 8). Einsner classifica as HQs como “arte sequencial”, ou seja, “um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EINSNER, 2001, p. 5). Nas HQs, as características comuns da arte (como a perspectiva, simetria e as pinceladas) e as particularidades da literatura (como a gramática, o enredo, a sintaxe) são, segundo

Einsner, “sobrepostas mutuamente” e, por isso, “A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual” (EINSNER, 2001, p. 8).

Como forma de arte, é de se esperar que as HQs apresentem características essenciais de outras obras de arte. As HQs são expressões figurativas da realidade, diz Viana, “ou seja, uma criação fictícia de uma realidade paralela ao mundo realmente existente. Essa concepção de arte engloba tanto as grandes como as pequenas obras de arte, desde que expressem figurativamente a realidade” (VIANA, 2014, p. 18). Quanto ao que é a realidade, Viana diz:

E essa realidade que é expressa nas obras de arte é a sociedade em seu conjunto, aspectos dela, ou a realidade dos sentimentos, desejos, valores, do indivíduo, mesmo sua intimidade e inconsciente, que a produz. Sendo assim, qualquer poesia, peça teatral, conto, música, pintura, entre outras manifestações artísticas, são obras de arte. (VIANA, 2014, p. 18)

A HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* é uma expressão figurativa do fundamentalismo de sua época. Por isso, é um objeto legítimo de estudo para compreender a reação pública frente aos efeitos culturais e sociais do fundamentalismo religioso da direita cristã que chegaram aos anos 1980.

X-Men: Deus ama, o homem mata começa com a perseguição de duas crianças negras que são mortas pelo grupo “Os Purificadores”. Uma das crianças, Mark, é morta, o que leva sua irmã, Jill, a questionar: “Por que?”. Após perguntar isso, ela é morta, e sua assassina diz:

Figura 1 - A resposta de um dos Purificadores à pergunta de Jill



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 4.

Na HQ, o motivo da perseguição das duas crianças é o fato delas serem mutantes. O fato de serem negras mostra a intenção dos autores de corresponder, logo de início, a intolerâncias raciais do mundo real. Como dizem Alves *et al*:

Logo no início da *graphic novel*, em suas primeiras páginas, crianças são mortas, em uma sequência de imagens capazes de chocar os leitores, simplesmente por serem mutantes. Note-se que [...] elas são negras, o que remete às questões raciais, à perseguição ao diferente e a opressão da maioria sobre as minorias na época da criação dos X-Men, na década de 1960 (ALVES *et al*, 2023, p. 140).

John Jennings (2020), em seu artigo no site oficial da Marvel, observa que as páginas trazem um tom azulado a todos os personagens, mas com uma ênfase na cor vermelha no sangue de Mark:

Figura 2 - No fundo azul frio, há o vermelho do sangue.



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 4

Os Purificadores dizem explicitamente a essas duas crianças mutantes negras que elas não importam e merecem morrer por causa de quem e o que elas são; "o outro." Logo antes de Jill fazer sua última pergunta, vemos um painel azul frio com o sangue de seu irmão Mark em sua mão. A cor vermelha brilhante é um lembrete pungente de que somos todos iguais; que sangramos o mesmo sangue. No entanto, os Purificadores, em seu fanatismo, só veem o outro que eles devem destruir a todo custo (JENNINGS, 2020).

Os mutantes, na HQ, são chamados pejorativamente de “Mutanos”, ao invés de “humanos”. Jennings aponta isso como a separação social entre os humanos e os mutantes:

Em X-Men de Chris Claremont, a calúnia "MUTANO" passou a representar para muitos, todas as calúnias raciais, étnicas, homofóbicas e xenófobas que se esforçam para que grupos inteiros de pessoas sejam vistos como “os outros”. Ela representa todas as pessoas

oprimidas do mundo. Essa marcação do "outro" sempre foi um passo importante na desumanização.

Ao longo desta história e de sua escrita, os X-Men de Claremont abordaram diretamente questões de identidade. [...] A ideia do "outro" permite que todos se vejam, de alguma forma, em um ou mais personagens. No entanto, em *Deus ama, o homem mata*, fica claro que Claremont escolheu explorar abertamente as noções de raça por meio da alegoria da mutação (JENNINGS, 2020).

O vilão da HQ é logo apresentado: o Reverendo William Stryker, líder dos Purificadores, que lê uma passagem da Bíblia para preparar seu sermão:

Figura 3 - Rev. Stryker lê Deuteronômio 17.2-5, texto justificaria, segundo sua leitura, o assassinato.



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 6.

Stryker é baseado em figuras do mundo real, principalmente os já mencionados Jerry Falwell e Pat Robertson. Claremont, em uma entrevista ao site *Christ, coffee and comics*, diz:

Coincidiu na época [da criação da HQ] com a ascensão do movimento evangélico nos Estados Unidos e sua inserção no processo político. Com Jerry Falwell, o *700 Club* [de Pat Robertson], os Bakkers... me ocorreu que essa era uma direção que valia a pena seguir, pois os X-Men, em sua composição, possuíam personagens que eram casualmente religiosos, devotamente religiosos, nada religiosos, mas também não eram as pessoas normais que você esperaria estar nesses papéis. No caso da história, o eixo do argumento é Kurt [o Noturno - um católico fervoroso]¹, que, apesar de sua fisionomia, é a pessoa mais normal da equipe e, de certa forma, a mais tradicional. Ele parece um demônio! (Claremont, 2015).

Em várias partes da HQ, Stryker cita a Bíblia com passagens descontextualizadas para justificar seu genocídio de mutantes:

Figura 4 - Stryker cita Deuteronômio 7.2



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 35.

Figura 5 - Stryker cita João para converter Xavier.



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 43.

¹ Comentário adicionado pelo entrevistador.

Figura 6 - Stryker cita Apocalipse para manipular Xavier.



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 50.

Sobre a leitura de Bíblia do Reverendo, Caldas aponta que ela “é seletiva: ele convenientemente escolhe os textos que entende [que] são adequados para ‘justificar’ seu projeto de extermínio” (CALDAS FILHO, 2017, p. 83). Jennings também comenta: “Stryker distorce os éditos pacíficos e unificadores do cristianismo para legitimar sua intolerância” (JENNINGS, 2020). Essa distorção de textos da Bíblia ao tirá-los do contexto é conhecida como tática dos “textos-prova”. Daniel Treiner explica que essa é uma prática que leva o “teólogo A” a dizer que sua teologia é “mais bíblica e correta” do que o “teólogo B”, pois o número de referências bíblicas entre parênteses em seus textos é maior do que o do outro (TREINER, 2005, p. 622). Caldas comenta:

A narrativa é recheada de citações bíblicas feitas por Stryker em suas falas e discursos. Curiosamente, todas falam de guerra, agressão física e violência. Em nenhum momento Stryker cita textos bíblicos que apresentam perdão, tolerância, misericórdia e a acolhida do “outro”, do diferente. Curiosamente também as citações são todas descontextualizadas, e, por isso, servem como pretexto para os planos de extermínio mutante de Stryker (CALDAS FILHO, 2017, p. 82).

Uma das justificativas de Stryker para sua intolerância também está em seu negacionismo científico. Sua leitura literal do texto de Gênesis o faz ver os mutantes como criaturas do demônio, pois a Bíblia não fala de sua criação:

Figura 7 - O discurso de Stryker apela ao literalismo bíblico para justificar sua intolerância religiosa e negacionismo científico



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 51.

Alves *et al* ainda dizem:

... o líder religioso William Stryker usa uma série de anacronismos e distorções do texto sagrado, para perseguir aqueles que ele julga dignos de condenação, como os mutantes. Para o líder religioso, como os mutantes não aparecem nos textos sagrados, logo são criações demoníacas. Dessa forma, a obra acaba fazendo uma síntese do que o supergrupo X-Men representa: a perseguição ao diferente, seja religiosa, racial ou qualquer outra.

[...]

Seu discurso fundamentalista busca afirmar uma leitura literal dos textos sagrados. A proposição pautada na manutenção do porto seguro presente na *graphic novel*, está posta no discurso do reverendo, enaltece a gênese da raça humana como única advinda de Deus. Tudo que não possui a estrutura física humana, as características, não provêm do divino (ALVES *et al*, 2023, p. 133, 145).

Há um momento em que o mundo ficcional da HQ invade o mundo real por conta de uma cena em particular. Nessa cena, o Prof. Xavier (líder dos X-Men) aparece sendo crucificado por conta de uma ilusão de manipulação de Styker:

Figura 8 - Xavier sendo crucificado.



Fonte: CLAREMONT; ANDERSON, 2003, p. 30.

Essa cena invade o mundo real, pois Pat Robertson, que inspirou o vilão, segurou essa página na frente das câmeras em seu programa *700 Club* e chamou de “blasfêmia”. Brent Anderson, ilustrador da HQ, disse em uma entrevista:

Fiquei muito satisfeito e validado por Pat Robertson que, em seu programa de TV televangelista *700 Club*, segurou a cena [da crucificação] na câmera e a condenou por ser

“blasfêmia”. Robertson ficou completamente tomado pelas imagens e não entendeu nem um pouco o contexto da cena (ANDERSON, 2017).

Robertson, em uma entrevista à CBN News, chamou a cena de “blasfêmia” de novo. Mais do que isso, ele chamava os mutantes de “sub-humanos” (COMIC, 2022, [1:20]). Ironicamente, esse comportamento lembra a forma como Stryker vê os mutantes na HQ.

Como visto, a HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* é um reflexo de sua época e sociedade, expressando figurativamente a realidade do fundamentalismo intolerante e negacionista de sua época. Stryker representa os fundamentalistas, enquanto os mutantes representam as minorias. Como crítica social ao fundamentalismo religioso, seu valor ecoa até os dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, foram apresentadas algumas das características e a evolução do pensamento fundamentalista do século XX. Apesar do fundamentalismo histórico e boa parte dos conservadores não negarem, necessariamente, a teoria da evolução e as idades geológicas da época, o fundamentalismo posterior evoluiu a partir do contato entre o Protestantismo e a apologética em prol de Ellen White. Durante o século XX, cada vez mais o fundamentalismo foi entrando nas discussões políticas para influenciar o ensino e a ética individual nos Estados Unidos. Debates importantes envolvendo questões sociais, como discussões raciais, de gênero e científicas impulsionaram o movimento apologético fundamentalista no combate “do outro”.

A prática apologética clássica e histórica, em que a discussão filosófica era importante e gerou discussões acadêmicas até hoje, foi substituída por uma apologética política e intolerante. Tudo isso fez com que o fundamentalismo posterior fosse refletido por meio de discursos intolerantes e negacionistas. Por isso, *X-Men: Deus ama, o homem mata* foi uma crítica pertinente para sua época. Como HQ que expressa figurativamente a realidade do fundamentalismo, o qual ainda é popular e crescente em sua influência do pensamento religioso da atualidade, a crítica da HQ continua relevante nos dias de hoje. A crítica dos mutantes é relevante, pois, como diz Geysa Silva, “as HQs são uma encenação dos problemas contemporâneos, uma imagem das inquietações

que nos afligem, exibindo a incoerência entre comportamento e crenças.” (SILVA, 2007, p. 9). Os problemas contemporâneos gerados pelo fundamentalismo são encarnados nas páginas de *X-Men: Deus ama, o homem mata*. Por conta disso, não se deve subestimar sua crítica, mesmo vindo de uma “simples HQ”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wellington N. *et al.* O fundamentalismo cristão que apavora e manipula o universo de X-Men: Deus ama, o homem mata, **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 22, n. 1, p. 131-148, 2023.

ANDERSON, Brent. God Loves, Man Kills: the creators of the legendary X-Men story reflect on its 35-year legacy. Entrevista concedida a Alex Abad-Santos. **Vox**, 3 de Mai. 2017. Disponível em <<https://www.vox.com/culture/2017/5/3/15341432/god-loves-man-kills-claremont-anderson-interview>>. Acesso 12 de Nov. 2024.

ARMSTRONG, Karen, **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CALDAS FILHO, C. R. Das HQ's como discurso teológico: análise de x-men – deus ama, o homem mata, de Chris Claremont na perspectiva da soteriologia de Paul Tillich. **TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 70–90, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/33975>>. Acesso em: 8 out. 2024.

_____. X-Men: Apocalypse, **Ultimato Online**, 27 de Jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/x-men-apocalypse#caldas>>. Acesso 08 de Out. 2024.

CALVINO, João. **A instituição da religião cristã**, Tomo I, Livros I e II, São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CLAREMONT, Chris. Interview with Chris Claremont- Part 1. Entrevista concedida a Niko Bekris. **Christ, Coffee and Comics**, 24 de Jun. 2015. Disponível em <<https://christcoffeecomics.com/2015/06/24/interview-with-chris-claremont-part-1/>>. Acesso 11 de Nov. 2024.

_____; ANDERSON, Brent. **X-Men: Deus ama, o homem mata**. Marvel Comics. Barueri: Panini Comics, 2003.

COMIC-Jutsu. **X-Men Comics & God Loves, Man Kills on CBN News 1984**, 18 de Out. 2022. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1xEp6Mm_E78>. Acesso 12 de Nov. 2024.

CONFISSÃO Belga. **Monergismo**, [s. d.] a. Disponível em <https://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_belga.htm>. Acesso 16 de Mai. 2025.

CONFISSÃO de Fé das Igrejas Reformadas da França, denominada confissão de fé de la rochelle (a. d. 1559). **Monergismo**, [s. d.] b. Disponível em <https://www.monergismo.com/textos/credos/Confissao_Franca_Rochelle.pdf>. Acesso 16 de Mai. 2025.

CONFISSÃO de fé de Westminster. **Monergismo**, [s. d.] c. Disponível em <<https://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>>. Acesso 15 de Mai. 2025.

DELANEY, Tim. Pop Culture: An Overview. **Philosophy Now**, n. 64, 2007. Disponível em <https://philosophynow.org/issues/64/Pop_Culture_An_Overview>. Acesso 13 de Nov. 2024.

DOMINGUES, R.; DE MORAES, G.. História em Quadrinhos e Religião: Uma análise do mangá Death Note. **Jornada de Iniciação Científica e Mostra de Iniciação Tecnológica** - ISSN 2526-4699, Brasil, dez. 2020. Disponível em <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvijornada/paper/view/2073/1223>>. Acesso 16 Jan. 2024.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FESKO, J. V. **Reforming apologetics: retrieving the classic reformed approach to defending the faith**, Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2019.

JENNINGS, John. Solving for X: 'God Loves, Man Kills' through the lens of now, **Marvel**, 8 de Jul. 2020. Disponível em <<https://www.marvel.com/articles/comics/solving-for-x-god-loves-man-kills-through-the-lens-of-now>>. Acesso 05 de Nov. 2024.

KEAS, Michael N. Darwinism, Fundamentalism, and R. A. Torrey. **Perspectives on Science & Christian Faith**, Topsfield, MA, v. 62, n. 1, 2010.

LIVINGSTONE, David. N.; NOLL, Mark. A. B. B. Warfield (1851—1921): A Biblical Inerrantist as Evolutionist. **The Journal of Presbyterian History (1997-)**, v. 80, n. 3, pp. 153–171., 2002. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/23336691>>. Acesso 11 de Abr. 2024.

NUMBERS, Ronald, “Mito 24: Que o criacionismo é um fenômeno unicamente norte-americano”, In: NUMBERS, Ronald (Ed.). **Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião**, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. Edição ePub.

_____. **The creationists: the evolution of scientific creationism**, Los Angeles, CA: University of California Press, 1993.

OLIVEIRA, Lamartine Gaspar de. **Intolerância, ética e alteridade no fundamentalismo: um estudo sobre a intolerância e a ética na matriz do fundamentalismo norte americano nos séculos XVII a XIX**. São Paulo, 2008, 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

RICKER, Aaron. “Crisis, Conspiracy, and Community in Evangelical Climate Denial”, **Journal of the Council for Research on Religion – Montreal**, Quebec, v. 2, n. 1, 2020

SANTOS, Ronaldo Alves Ribeiro dos. **Juventude em fúria**: representações, tensões e política no governo Reagan. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2017.

SCHAEFFER, Francis. **Gênesis no espaço-tempo**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014. Edição do Kindle

SILVA, Geysa. Entre a religiosidade e a violência: uma leitura das hqs finisseculares. **Recorte – a revista de linguagem, cultura e discurso**, Minas Gerais, v. 1, n. 4, jan./jun. 2007. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4998519>>. Acesso em: 14 de Jun. 2024.

TOMAS DE AQUINO. **Suma teológica**, Vol. 1 & 2, 3ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 2009.

TORREY, R. A. **The complete works of R. A. Torrey**: Difficulties in the Bible – Alleged errors and contradictions, Vol. 2, Fort Collins, CO: Delmarva Publications, 2014.

TREINER, Daniel, “Proof Text”. In: VANHOOZER, Kevin (Ed.), **Dictionary for Theological Interpretation of the Bible**, Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

VIANA, Nildo. As histórias em quadrinhos como forma de arte. Estácio de Sá Ciências Humanas. **Revista da Faculdade Estácio de Sá**. Goiânia SESES-Go. Vol. 02, nº 10, 16-24, Fev./Jul. 2014.

WILCOX, Clyde. The Christian Right in Twentieth Century America: Continuity and Change. **The Review of Politics**, Cambridge, v. 50, n. 4, 1988.

WILCOX, Clyde, LINZEY, Sharon, JELEN, Ted G. Reluctant Warriors: Premillennialism and Politics in the Moral Majority. **Journal for the Scientific Study of Religion**, vol. 30, nº 3, Grand Rapids, MI, 1991, p. 245-258.

(Recebido em maio de 2025; aceito em julho de 2025)